

## **Programa Encontro com a Imprensa - Rádio JB AM - 07 de julho de 1988**

Eu peço desculpas a você e aos ouvintes, mas infelizmente não só o trânsito de Botafogo está parado. Mas eu vinha pra cá, para o programa da Rádio JB já inclusive tinha abdicado de ir à manifestação dos professores para ir à Assembléia que eles realizam logo mais, às 4 horas na UERJ, mas tive que parar e ir lá para tentar aplacar a ira policial contra os professores. Os professores foram expulsos da Faculdade Santa Úrsula por iniciativa da polícia, que eu acabei de assistir aqui pela JB a declaração de um assessor do governador de que a polícia não teria nenhuma iniciativa. Foi toda a iniciativa da polícia. A polícia espancou e a polícia jogou bomba de gás lacrimogêneo. Uma coisa escandalosa para uma manifestação absolutamente pacífica anunciada com antecedência sem nenhum intuito outro que a defesa dos salários dos professores. E queria marcar uma coisa interessante; que eu cheguei lá, antes da manifestação e a polícia já tinha fechado o trânsito. E ouvi uma argumentação do secretário Saboya em que ele dizia que não podia tolerar manifestações desse tipo, porque interrompia o trânsito. Ora, duas horas antes a polícia começou a interromper o trânsito para impedir que os professores chegassem à Santa Úrsula. Quer dizer, ela faz aquilo que acusa os professores de fazerem. Antes mesmo, não precisava de.... Os professores começaram a chegar, se aglutinar e foram reprimidos.

Querida também lembrar que a nova Constituição \_porque direitos dos trabalhadores não só são os direitos corporativos\_ a nova Constituição é... garante a liberdade de manifestação. E uma das coisas que faz é que basta comunicar a manifestação à polícia pra haver algum problema de trânsito, no caso se há necessidade, você pode dizer ao trânsito. De forma que esse decreto, essa decisão do Saboya é uma coisa flagrantemente de má vontade. E de um governador que se diz só agora progressista do PMDB, é verdade que saiu tanta gente do PMDB que o progressista lá agora deve ser a direita moderada. Mas o governador que tem que se articular com o Dr. Arraes e tal, proíbe um negócio que na Constituição está avançando, garante a liberdade e um decreto de ocasião, feito para reprimir e tem expressão de um governo que tem Rafael de A. Magalhães, seu secretário que começa dizendo que não negocia. Quando há um movimento de estilo grevista e você antecipadamente diz que não negocia e quer que os professores dobrem os joelhos, é impossível você esperar outra coisa. Os professores, educadores dos nossos filhos, estão verdadeiramente indignados. Eu tenho alguns anos de militância na rua e a indignação dos professores é um negócio extremamente importante. Vocês puderam registrar pelo rádio, e todos os jornalistas que estiveram lá presentes, a espontânea reação dos professores ao comportamento lastimável do governo, da polícia e evidentemente do coronel responsável pela repressão da polícia na área.

**JB – Deputado, permita esclarecer à opinião pública a respeito do decreto, que o deputado Vladimir Palmeira está se referindo. É justamente aquele que delimita certos lugares de manifestação e cria um aspecto curioso, diferente, com relação a outros estados e quem sabe a muitas cidades que tem práticas normais de manifestação. Portanto você pode também participar pelo tel....**

**JB- Em 68 e depois o Sr. foi sempre identificado com os movimentos populares e manifestação de rua e sempre ao lado da organização dos trabalhadores. Viveu muita manifestação, liderou umas delas e hoje o Sr. assistiu a uma, até por acaso, como o Sr. mesmo falou. O que mudou no Brasil?**

**VP-** Bom, mudou o regime militar para a Nova República. E não resta dúvida que apesar dos maus humores do governador Moreira Franco, há um clima de maior liberdade no país. Essa repressão mostra que continua a se atentar contra a democracia, mas não resta dúvida que há mais liberdade na Nova República do que havia no governo Médice. E ao mesmo tempo, a nova Constituição vai consagrar alguns direitos que ficam bem mais adiante do que o que nós temos hoje. Agora, não se alteraram as bases do regime. Do ponto de vista político houve a garantia de alguma liberdade, inclusive a liberdade de organização política no sentido mais amplo. Ganhamos parcialmente uma certa liberdade de organização sindical. Mas a estrutura do país não mudou coisa nenhuma.

Esse país continua sendo um país onde as grandes estruturas do Estado continuam funcionando do mesmo jeito. Nós somos um país curioso, depois de 20 anos de ditadura militar, os militares voltam aos quartéis como se tivessem prestando um favor aos civis. E não há nenhum processo de mudança na composição do Estado ou das Forças Armadas. Depois de 20 anos, os militares saem, ficam nos quartéis e não se questiona nada a respeito dessa instituição FFAA. Não se questiona nada a respeito do Estado autoritário. De forma que nós conseguimos algumas liberdades, das liberdades tradicionais, o Estado de direito, mas a ossatura do aparelho do Estado brasileiro continua igual. E essa ossatura, essa estrutura funciona de ouvido, a base dela é a repressão direta. Se formou uma nova geração aí no tempo do arbítrio, de forma que a qualquer momento esse pessoal está pronto para reprimir as liberdades que nós temos conquistado através de muitas lutas e de, quando é o caso, de uma política de alianças que nós estamos sabendo encaminhar para conseguir essas vitórias.

**JB- Deputado, do ponto de vista institucional a Constituinte vai consagrar avanços realmente sociais em relação a atual Carta ou não?**

**VP-** Sem dúvida nenhuma. Eu queria primeiro marcar uma posição geral. Essa Constituição é uma Constituição conservadora. Não cabem ilusões. Por que ela é conservadora? Não é porque não seja socialista. Ninguém imaginou nesse país que se ia fazer uma Constituição de esquerda. Mas porque ela não reforma a estrutura do capitalismo. Essa Constituição, não é que ela em si faça a reforma, mas ela não abriu os grandes instrumentos pra reforma no campo, a reforma agrária, nem pra reforma urbana, embora haja alguns pequenos avanços na reforma urbana. E ela não abriu mais pra nenhuma grande reforma no aparelho do Estado. Esse monstro que ataca o povo brasileiro. Entendeu? E que é um negócio que impede a vida do cidadão comum. As FFAA ganharam tantas funções quanto a que tinham no regime militar. A Justiça sofreu simplesmente uma "maquiagem" e o poder legislativo conseguiu um outro ponto a seu favor no equilíbrio de poder. Mas no aparelho em geral do Estado, continua a mesma coisa. Então nós podemos dizer que não há reformas capitalistas

na Constituição. Ela não facilita isso. E por isso, a Constituição é conservadora. Mas no capítulo dos direitos individuais, dos direitos coletivos, dos direitos trabalhistas; na própria educação, na saúde, na questão ecológica, na defesa dos índios, na parte em geral do que eu chamaria de política social, política dos direitos individuais, há evidentes avanços. Mas avanços consideráveis. Um deles é esse que vai permitir que nenhum secretário mais repressor, mais de direita, proíba manifestações políticas como a que está acontecendo aqui no Rio de Janeiro. A Constituição consagra a liberdade de manifestação.

**JB- Sequer demarcar o lugar? Vamos dizer, o que está acontecendo aqui no Rio de Janeiro. Esse decreto, se a nova Constituição estivesse em vigor, estaria em desacordo?**

**VP-** Em desacordo. Perfeitamente. Veja bem, a única coisa que nós estamos de acordo é o seguinte: se há uma manifestação anterior comunicada à polícia no mesmo dia, você não pode fazer. Isso é uma forma muito comum, inclusive em época eleitoral nós podemos deixar ... você sabe que a praça é disputada por mais de um partido. Então o partido que pede primeiro tem direito a usar. Mas tirando isso, essa, a simples comunicação. E vejam bem vocês...

**JB - E a polícia não pode negar?**

**VP-** Não, apenas comunicar. E veja como a questão vai trazer menos transtorno. Porque a comunicação permite à polícia fazer modificações de trânsito. Imagine você se a polícia hoje tivesse se limitado a isso. Você tinha uma manifestação que dificultaria um pouco o trânsito na Pinheiro Machado, sem dúvida nenhuma, mas em que pelo menos a metade da via estava sendo utilizada. O trânsito fluía parcialmente, a polícia estava lá para facilitar a vida do cidadão que não esteja se manifestando, mas que também tem o seu direito. Pois bem, do jeito que a polícia age, ela impede a manifestação, portanto, cerceia a liberdade, e paralisa completamente o trânsito. Não só na Pinheiro Machado, mas na Praia de Botafogo, e nas adjacências. Então não tem o menor efeito. Esse tipo de repressão surte o menor efeito pra defesa dos direitos do cidadão que está se manifestando. A Constituição... garantir o direito de manifestação e garantir o aviso anterior que o outro cidadão que não está se manifestando tenha também resguardado o seu direito de viver.

**JB- Deputado Vladimir Palmeira, agora essa fase da Constituinte em que só vai ser possível o que se chama de Emendas supressivas. Só pode tirar, colocar não, né? Bancários da Tijuca querem um esclarecimento: a estabilidade automática no caso de uma causa trabalhista, por exemplo, ganha por parte do trabalhador, é claro, contra o empregador. Isso caiu mesmo, não tem mais chance de entrar na Constituinte?**

**VP-** Nenhuma, nenhuma. Aliás os próprios partidos de esquerda não votaram propriamente a estabilidade como se defendia antes. Já se propunha a garantia contra a demissão imotivada. Não era mais sequer a estabilidade. Mesmo essa garantia contra essa demissão imotivada na verdade caiu porque houve aliança do Centrão com amplos setores da direção do PMDB, e derrubaram. Não há a menor chance de ter estabilidade. Salvo, e evidente no caso do funcionalismo público.

**JB- Agora a aposentadoria proporcional às mulheres. No caso de mulheres com 25 anos de serviço. Será 5 vezes o vencimento, ou correspondente a 80%?**

**VP** - A aposentadoria proporcional é proporcional ao tempo de serviço. Você vê quanto ganharia na aposentadoria ordinária, no caso nos 30 anos, faz a divisão e está dada. É só isso. Proporcional ao tempo de serviço. Você faz uma conta.

**JB- ... teria 5/7 do vencimento.**

**VP-** Eu não fiz a conta, é capaz de ser 5/7.

**JB- Uma outra questão, a atuação da esquerda, por exemplo, na Constituinte. Eu queria que você fizesse uma avaliação. E tem uma pergunta aqui , até pessoal mas que permite ao Sr esclarecer .... J. Ma. Ubaldo, Assessor Jurídico da Secretaria de Justiça, diz que o Sr. continua com a mesma prática de grande burguês, de não ajudar os companheiros que chegaram do exílio, se recusando a emprestar dinheiro para quem precisava enquanto recebia pensão alta de família, da família latifundiária, diz ele. Se o senhor não tem vergonha de ficar hospedado no palácio do governo de Alagoas usufruindo as mordomias de um irmão que serviu a ditadura militar. Ele está amargurado com o Sr.**

**VP.** É fantástico. Aliás eu normalmente não respondo a perguntas pessoais. Porque se eu tivesse dinheiro e gastasse, ninguém podia reclamar. Ainda ia dizer olha aí um cara rico, que ajuda ao movimento popular. Mas não é o caso. A maior parte ao tempo em que eu tive aqui, vivi pedindo dinheiro emprestado, ao invés de emprestar. Nunca tive uma vida desse tipo. E em matéria de solidariedade eu não dou nem mais nem menos do que os outros companheiros de esquerda. A esquerda é basicamente solidária. Eu tive refugiado na Bélgica e contei com a solidariedade dos brasileiros de lá, normalmente em maior dificuldade. A esquerda sempre se ajudou, na medida do possível. Nenhuma das acusações correspondem à verdade, e eu não me hospedaria no Palácio do governo nem se fosse governador, porque acho aqueles palácios terríveis. Aliás no caso de Alagoas acho que nem o meu irmão também gostava de viver lá, mas vivia. Eu lá nunca fui, nunca freqüentei palácio, praticamente não freqüentei congresso e fui agora ao palácio levar as reivindicações do movimento popular. De forma que não tem nada que ver essa imagem em relação à esquerda, e do ponto de vista pessoal, se eu tivesse dinheiro eu gastava, não tenho a menor dúvida. Eu não acho que em si você ter dinheiro é um crime, agora infelizmente eu não tenho. Se eu fosse o cara que acertou a loto sozinho lá em São Paulo, então eu ficaria muito melhor do que estou hoje.

**JB- Agora em relação à Constituinte e à esquerda, o Sr. acha que os parlamentares agiram dentro do possível, foi feito um bom trabalho? Isso porque se sabe que esmagadoramente a Constituinte é composta de conservadores.**

**VP-** Eu acho que o trabalho da esquerda no geral foi muito bom. A esquerda se dividiu somente em duas ou três votações, duas das quais pelo menos era esperada: a questão do regimento de governo, presidencialismo ou parlamentarismo. E na questão da liberdade sindical, onde nós do PT ficamos isolados. Nós defendemos a liberdade sindical e os outros partidos de esquerda defendiam o sindicato único obrigatório por

lel. No resto, a esquerda agiu muito bem. Em primeiro lugar, ela agiu em conjunto e tentou sempre se consultar. Em segundo lugar ela teve uma experiência importante que é você estar numa assembléia onde é sempre minoria. Então você tem que fazer composições. E a esquerda se mostrou capaz de saber aqueles pontos onde ela podia se unir a um setor mais de centro, de direita moderada para ganhar algumas votações. Se a esquerda fosse uma esquerda simplesmente irritada e tivesse na Constituinte somente para marcar posição, ela não tinha conseguido este efeito. Por que a esquerda pode atuar unificada e saber tecer alianças capazes de ganhar algumas coisas? Porque ela encarou essa Constituinte como uma possibilidade de obter algumas conquistas contratas para os trabalhadores. Muita gente antes dizia assim: não, o direito de greve nós já temos, já fazemos greve. E nós dizíamos: não é verdade, se a correlação de força permite, o pessoal termina fazendo greve, mas nos momentos de maior dificuldade é preciso ter a lei ao nosso lado. Vocês viram que agora recentemente a greve dos bancários acabou no dia em que a justiça declarou a greve ilegal. Quer dizer, a legalidade da greve uma questão importante. E nós então soubemos ir lá para conquistar, para trazer conquistas efetivas. Não fomos lá simplesmente pra fazer discurso. Simplesmente pra traduzir aquilo que a massa da população já sabe. Nós estamos lá para conseguir alguma coisa e nós conseguimos. Há um amplo número de conquistas, em particular nesses direitos dos trabalhadores e direitos coletivos e que se o segundo turno confirmar, nós podemos trazer como realização nossa. São pontos nossos que a esquerda levou e que a esquerda ganhou. Tanto eu acho que a esquerda teve um excelente desempenho na ANC.

**JB- Deputado, o Sr. sempre teve posições políticas marcantes de ... de uma forma aberta e franca. Mesmo que tenham pessoas que discorde do Sr. admitem este tipo de coisa. E agora o Sr. está vivendo um trabalho de legislativo e conhecendo como é dinâmica, como é a relação dentro da ANC. E antes estava na rua, vamos dizer assim. Que diferença o Sr. constata e que o Sr. diria para a população que diz o seguinte: - os políticos todos eles vivem à base de mordomias, eles não são sérios, o Brasil não tem mais jeito. O país está perdido. O que o Sr. diria?**

**VP-** Olha eu diria o seguinte: a diferença... primeiro nós estamos numa experiência particular, quer dizer, somos minoria na Constituição. Nós podíamos por exemplo ser maioria. Nas a minha ideia é o seguinte: há uma parte de gente séria, inclusive da direita e do centro. Mas há uma grande parte de parlamentares atualmente que não trabalha. Nem vai. Mas há muita gente que vai e cumpre compromissos, compromissos políticos em geral. Mas não trabalha efetivamente. Em segundo, há uma grande dificuldade de funcionamento da própria instituição. Os regimentos da Câmara e do Senado são regimentos completamente ultrapassados. Eu dou uma audiência popular toda sexta-feira na esquina da São José com Rio Branco, eu já tenho esse trabalho há cinco anos e depois que fui eleito deputado aquele encontro que eu tinha, fazia discurso político, conversava com a população virou audiência popular. E eu dizia e reclamava muito do plenário vazio. "- É um escândalo." Eu mesmo aqui fui na Assembléias Legislativa vazia. Eu depois, eu fiz uma autocrítica, eu criticava quem não ia ao plenário. Eu cheguei lá na Constituinte e em uma série de momentos quem vai à plenária está perdendo o seu tempo. Eu descobri que a mecânica de funcionamento da instituição faz com que durante a semanas e semanas

you só vai à plenária pra ouvir blá blá blá. Entra lá um deputado pra falar do seu estado, entra um deputado pra prestar uma homenagem a um amigo que morreu, entra um deputado pra fazer um voto de congratulações e entra alguns pra falar de questões políticas gerais. Mas não se decide nada. Então o tempo que o parlamento dedica ao plenário e um tempo freqüentemente perdido. Por isso eu acho que é preciso uma grande reformulação do regimento da Câmara pra dar uma força maior, um tempo maior para o trabalho de comissão. Esse é o primeiro dado. Nós temos que alterar essa historia de você ficar reunido no plenário todo o dia para o plenário não votar. Quem quer realmente trabalhar não se sente bem naquela história, então você tem uns dez caxias e uma turma do café que vai todo o dia de tarde no plenário porque ali é um ponto de encontro, uma espécie de chá das cinco. Então não tem cabimento. Isso é preciso ser modificado. Segundo, eu acredito que no regimento devia se deixar um dia útil da semana também livre para o trabalho nos estados. Eu quando fiz a campanha eu avisei antecipadamente, sexta-feira eu venho embora e venho fazer trabalho no Rio. Um deputado moderno não pode ser mais o deputado da UDN dos anos 50, que era um cidadão austero, seríssimo, usava óculos necessariamente, se debruçava sobre alfarrábios tremendos e dava .... pareceres nas comissões. Esse deputado hoje, desvinculado de uma sociedade nova, real, onde os atores coletivos são extremamente importantes, ele perdeu o contato e a representatividade com a massa. Então é preciso que um deputado novo, um deputado moderno ele tem estar em contato com a base continuamente, toda a semana se possível. No caso do Rio é, no caso de outros estados mais longínquos não será toda semana, mas é um contato permanente pra que a base que fez a campanha possa cobrar desse deputado, possa discutir e influenciar diretamente esse mandato do deputado. Eu, tenho audiência popular sexta-feira, consulto a população e alguns projetos que eu levei, levei em função da pressão. Por exemplo, eu dei interesse especial à questão do aposentado, porque a reivindicação do aposentado é a mais colocada para mim há 4 anos ali no centro do Rio. De outro lado eu dou um balanço trimestral do meu mandato e eu procuro manter um trabalho continuo nos lugares, no subúrbio, no interior, com a base. Eu acho que o deputado tem que ter tempo pra isso. Um deputado sério, não da turma que não trabalha, quando ele vem pra cá no fim de semana, ele trabalha na sexta, trabalha no sábado e trabalha no domingo. Então nós temos que compreender, e a meu ver na reforma tem que haver um dia útil para que o deputado possa ter uma conversa também. E acho que deve haver a predominância das comissões e realmente você botar o plenário numa quantidade mínima, plenário pra decidir, só pra votar.

**JB- Um ouvinte diz o seguinte: diante da impossibilidade de se promover algumas mudanças significativas na ANC, nesse segundo turno, estamos ameaçados uma vez que várias conquistas trabalhistas podem ser suprimidas. O Sr. poderia citar algumas que o Sr. teme que possa cair?**

**VP-** Olha, eu acho que a mais vulnerável é a questão do turno de seis horas, do revezamento. Porque eu tenho a seguinte visão. A direita... aliás houve uma proposta do Zé Lourenço que é uma coisa curiosíssima. Eles não conseguem botar muita gente lá na Constituinte, porque boa parte deles são empresários cuida de seus negócios, não gostam de ir lá votar. Então o que e que o Zé Lourenço fez, não, a gente faz acordo numa grande parte e só vota os pontos polêmicos, ou seja, ele quer botar

todos os pontos de uma vez só pra levar uma vez só os deputados da direita pra votar lá. Isso não vai ser tão fácil. Eu digo porque. Porque teria mais facilidade em tirar coisas como o turno de seis horas e a naturalização os minérios.

### **JB- Direito à paternidade também?**

**VP-** É, mas o direito à paternidade não foi uma questão fundamental. O direito à paternidade foi uma vitória pessoal do A. Guerra, que encaminhou na comissão de sistematização, teve um brilho. E em função desse grande discurso que ele fez, ele conseguiu que ficasse incorporado. Não era nem uma reivindicação tão colocada assim. Mas, o turno de seis horas, ganhou na disputa. A nacionalização da exploração mineral, ganhou na disputa. Enquanto que o direito de greve, foi por acordo. Você veja, as 44 horas foi por acordo, tá certo? Reivindicações dessas que foram por acordo, inclusive as domésticas, os direitos das domésticas que foram parcialmente amputados para poderem serem ganhos por acordo. Então o que houve, nós votamos o direito dos trabalhadores, o PT votou contra porque não tinha a estabilidade. Mas depois houve negociações sobre os pontos polêmicos e no caso da greve, no caso dos direitos das empregadas domésticas, direitos defendidos pela minha colega do PT, Bendita da Silva, consegui-se um acordo onde não tivemos tudo o que queríamos mas tivemos uma parte substancial. Já no caso de seis horas, não. Fomos para o confronto. Então, onde houve confronto é natural que a direita possa aglutinar mais gente. Mas no direito de greve, imagine vocês, nós tivemos 436 votos à favor do direito de greve. Contra 38 e 19 abstenções. É uma diferença brutal, representou entre estes constituintes presentes, quer dizer, 493 constituintes presentes, uma grande maioria. Quase um consenso, uma maioria muito grande. Além disso, veja bem, quem defendeu o direito de greve? Quem encaminhou? Você não imagina, vão pensar que foi o Lula, vão pensar que foi o Paim do PT, vão pensar que foi o Roberto Freire do PCB, vão pensar que foi o Edmilson. Quem defendeu a proposta de acordo foi o Senador Jarbas Passarinho do PDS e o líder do PFL Zé Lourenço. De forma que é um negócio espantoso que o Zé Lourenço agora chegue dizendo que uma das grandes bandeiras dele é acabar com o direito de greve. Vejam a irresponsabilidade política desse pessoal. Eles encaminharam. De forma que eu acho muito difícil que ele derrubem aquelas medidas que foram de consenso. Com esse estilo de votação como foi o direito de greve. E mostro mais uma vez o atraso político cultural da direita brasileira, que depois de entrar na via do consenso e do acordo, sofre pressões pra UDR e da UBE, a União dos Empresários Brasileiros e que é que ela faz? Tenta retirar uma das coisas com as quais elas concordaram inteiramente. Quer dizer, eles não querem uma Constituição conservadora. Eles querem uma Constituição conservadora onde não haja direitos da população trabalhadora, isso não é possível, inclusive eu expliquei a eles: se vocês tiram isso, vocês tiram a legitimidade da Constituição. Como é que vocês querem uma Constituição para durar, uma Constituição que realmente englobe todo o mundo, uma Constituição que seja um dia, da ordem jurídica deste país, por 10, 20, 30 anos que vocês querem, se vocês marginalizam um amplo setor da população, dessa Constituição. De forma que nós conseguimos vencer isso. Eles chegaram a fazer acordos e agora sofrem pressões pra tirar. Vejam bem o escândalo que é. Prometeram gastar agora os empresários, dois milhões de dólares para tentar inverter essa maioria, que foi uma maioria de consenso. O direito de greve foi tirado lá praticamente por consenso. Acordo com todas as lideranças. Eu lastimo, e acho que

se por acaso a Constituinte modificar essa posição, vai ser uma posição altamente questionável.

**JB- Não seria o caso que os deputados não assinarem o texto Constitucional caso a Constituinte se saia totalmente retrógrada mesmo?**

**VP-** Olhe, essa hipótese existe, mas veja bem. Em primeiro lugar é preciso desdramatizar isso. A não assinatura seria um mero ato de protesto parlamentar. De forma que isso não caracteriza nenhuma tática política. Não há a menor conseqüência. Se você não assina a Constituição, e muita gente pensa que assinar a Constituição é apoiar a Constituição. Na verdade eu acabei de dizer aqui, que mesmo se não retirarem os direitos a Constituição é conservadora. O que você faz é a mesma coisa que você faz em qualquer processo onde você participa. Você assina uma ata na verdade. A assinatura da Constituição é dizer que houve a reunião na ANC, que as votações correspondem à quilo que foi divulgado e que a Constituição é aquela. Não significa que você apóia a Constituição. De forma que é preciso não confundir os ouvintes. Eu já ouvi um argumento desses mais de uma vez. Assinar a Constituição é só dizer que as regras de jogo foram respeitadas. Você pode questionar a súmula se houver irregularidade. Até agora não há irregularidades na Constituinte. Então, dentro do ponto de vista estritamente formal não há porque não se assinar. Evidente que o PT admite examinar essa questão se retirarem todos os direitos dos trabalhadores. Diante de uma pressão dos empresários, agora eles vão gastar 2 milhões de \$, nós podemos considerar que esta Constituição terminou marcada pela suspeição. Dois milhões de dólares, numa votação que nós temos 436 votos, encaminhado pelo Passarinho e pelo Zé Lourenço e de repente nós perdemos essa reivindicação. Nós podemos achar que essa foi uma decisão que feriu a regra do jogo. Mas a tendência dos deputados do partido é examinar essa questão se retirarem essa ampla gama de direitos que nós conseguimos. Agora, ouvinte, não se iluda, não significa nenhum ponto político nosso na Constituição. Isso é um ato de rotina. Vai ser um protesto meramente parlamentar e as grandes questões brasileiras não estão nesse simples ato de assinar ou não assinar. É uma questão completamente secundária.

**JB. O ouvinte pergunta também com quantos votos se pode derrubar a emenda progressista. Acho que é 280...**

**VP-** 280. Tanto as progressistas como as reacionárias. Não há dois critérios.

**JB- O Alberto Guimarães é lobo da PM, mora em Rocha Miranda. Diz que e o sr. está falando mal da PM que está batendo nos professores. Para lembrar, diz ele, o sr tem um colega da Constituinte, Major Paulo Ramos, que é de esquerda. E que o sr. não se pronunciou quando o Brizola mandou o Paulo Ramos pra cadeia. Diz que os soldados e cabos da PM são contra o arrocho salarial imposto contra todo o funcionalismo. 99% das famílias dos policiais militares não aos filhos de latifundiários ou irmão de governadores durante a ditadura.**

**VP-** Eu acho que ele tem razão no que ele se refere a problemas que os PMs têm. Desde que eu era estudante, nós gritávamos uma palavra de ordem que era a seguinte: PM, polícia também é povo. E nós compreendíamos perfeitamente que os policiais são povo. Mas nós não criticamos a ação da polícia enquanto instituição. Há uma certa hierarquia lá. Há o coronel que manda, há o capitão que obedece e manda nos



soldados... Há uma hierarquia, essa hierarquia é responsável pela ação policial. Agora, é evidente que essa ação policial apenas dos soldados serem trabalhadores, tem que ser denunciada. E se um soldado individualmente espanca um professor ele devia ser processado. Da mesma forma, que se um colega seu, soldado, espanca você, tem que ser processado. Não é possível .... quer dizer, a farda não dá impunidade. Você em tese está ali e tem que defender a lei, você não pode bater. Então isso não vai nada contra a PM. O Paulo Ramos é um excelente deputado e você veja, foi expulso. Quer dizer, boa parte do pessoal da PM que tentou colocar a PM numa via mais adequada, mais de respeito ao movimento foi expulso. E me sinto a cavalheiro para falar porque eu fiz quatro anos de oposição ao Dr. Leonel Brizola. Aliás, eu não, o meu partido, o PT, fez quatro anos de oposição ao Dr. Brizola e protestou contra isso e contra o tratamento que ele deu aos metroviários, a profissionais de saúde. Sempre protestamos. Não é de hoje. De forma que não tem nada que ver uma coisa com a outra. O fato do soldado da PM ter dificuldades não implica que o PM não é responsável por essa violência que nós temos que denunciar.

**JB- O J. Maria, lá de rio Bonito, escriturário, pergunta se essa relação polícia civil / polícia militar foi tratada na Nova Constituição. Ele se refere especificamente à questão de diferenças entre as duas.**

**VP-** Foi. Inclusive queria se tirar o caráter militar da PM. Era uma proposta que teve presente o tempo inteiro e foi infelizmente derrotada. A PM na verdade continua sendo uma força de reserva do exército e dá uma estrutura extremamente rígida à PM. Foi tratada e o Paulo Ramos fez um trabalho importante lá para tentar garantir direitos da PM, mais em geral foi derrotado.

**JB- O Ernani A. diretor do Sindicato Rodoviário de Niterói, pergunta como o companheiro Vladimir Palmeira está se relacionando com os inimigos do povo que fazem parte do Centrão?**

**VP-** Olhe, eu particularmente tenho um relacionamento cortês com todo o mundo. Eu acho que se você não tem um relacionamento cortês, isso pe mais ou menos, Ernani....Mantenho a minha cortesia, defendo minhas posições, aliás, como todos os deputados do PT. O único que teve problema foi o Genoíno. O Genoíno contava que falava com qualquer um menos co o Passarinho, porque o Passarinho era torturador dele e dos companheiros dele. Foi um caso realmente excepcional. No resto, o PT se dá cordialmente e mantém a sua postura política, ideológica, sem fazer nenhuma concessão. É um relacionamento natural, nesse tipo de vida parlamentar, onde você tem que conviver continuamente com o pessoal da direita. De outro lado, eu quero dizer que você aprende convivendo com a direita. A esquerda brasileira é uma esquerda que às vezes tem muita forma de seita e termina se fechando nela mesma, de forma que ela perde certas manifestações sociais que tem outro cunho ideológico e político, por exemplo, você vê muita gente de direita lendo livro de esquerda, mas você não vê o pessoal que virou de esquerda ler livro de direita. A esquerda é um pouco virada para dentro dela mesma. De forma que lá para os deputados petistas é um aprendizado, inclusive para saber como é que pensam os nossos adversários realmente. Aprender a mecânica do funcionamento de sua mente, de sua cultura, das suas tradições. E aprender com eles também como é que eles jogam o terreno parlamentar para que a gente possa derrotá-los.

**JB- .. até os 30 é um incendiário e depois vira bombeiro. Você se sente um pouco um bombeiro ou continua sendo um incendiário?**

**VP-** É evidente que é mais fácil para os outros dizerem isso. Mas do meu ponto de vista não. Agora já em 68 nós éramos acusados por alguns de sermos reformistas, Agora, as maiores manifestações e os maiores enfrentamentos com a polícia foram aqui. Mas nós éramos considerados moderados. De forma que não me espanta que alguns achem que nós estamos de bombeiros. Agora o que não pode haver, por exemplo, eu continuo tendo uma militância de rua, eu toda a sexta-feira estou aqui prestando contas do meu mandato, eu estava aqui do lado dos professores, estive também protestando contra o Sarney... quer dizer, eu mantenho um trabalho de rua prioritário. Meu trabalho de rua é um trabalho essencial. Agora, no Parlamento, você não pode agir como se fosse uma assembleia geral de estudantes. Ou não pode agir como se fosse uma porta de fábrica. Porque não é. Você não faz comício, um cara do lado, um cara do outro, depois tem uma votação. Aquilo tem uma dinâmica particular. E sobretudo, num parlamento onde você é minoria. O PT tem 16 deputados. Se você juntar o que é a esquerda mesmo ali, são 60 constituintes num negócio de 559. E se você só marca posição ideológica, você não ganha nada. Você tem que articular uma política de alianças. A política ela se faz levando-se em consideração as questões concretas de uma visão dinâmica tanto no tempo quanto no espaço. Você não pode atuar do mesmo jeito na porta de fábrica, não pode atuar do mesmo jeito na Câmara dos Deputados. Levando a mesma política. Ninguém esconde nada. Mas a sua própria linguagem é diferente e sua forma de articular é diferente, conforme as instâncias espaciais. E também no tempo. A conjuntura muda eventualmente a correlação de forças, o significado de algumas forças e você não pode atuar do mesmo jeito. Agora, eu acho que nós do PT somos sem dúvida nenhuma um partido que está mais querendo mudar a sociedade do que fazendo uma conciliação para manter a sociedade que está aí. Alguns nos chamam radicais. Eu acho que não é tanto o fato de ser radical, ou não. Não somos bombeiros. Nós queremos resolver a questão mas na nossa confiança sobretudo com a classe trabalhadora. Nós dizemos que a classe trabalhadora amadurecendo, lutando e se organizando, pode mudar o país. Isso nos distingue de outros componentes da política brasileira, inclusive alguns de esquerda que acham que os partidos políticos somente no parlamento vai resolver alguma coisa. Nós achamos que não: depende da população.

**JB- Comissão de trabalhadores, em horário de rodízio, mora no Andaraí e ligou apenas para que fique claro aqui a dificuldade no regimento e que o Centrão quer acabar com as conquistas das seis horas de trabalho em rodízio e falar que isso é necessidade ligada à saúde, portanto não é lazer, como algumas pessoas podem pensar. O Hélio Gomes, da Ilhado Governador, pergunta como fica a questão da aposentadoria dos funcionários públicos estaduais admitidos antes de 67.**

**VP-** Situação geral dos funcionários públicos. A partir daí vão ter uma aposentadoria integral e vão ter uma correção integral ao pessoal da ativa. E nas disposições transitórias aprovou-se uma questão que vai ser a adaptação dos trabalhadores embora não mencione especificamente o funcionário público, daqueles que já tem a aposentadoria... e que vão ter a sua aposentadoria colocada no nível de número de salários mínimos, da época que se aposentou. Agora, em relação ao pessoal de antes

de 67 eu não posso dizer explicitamente. Eu teria que ver se há algum termo nas disposições transitórias sobre isso, mas não acredito. Eu acho que o que vai haver é a readaptação normal a partir da promulgação da Constituição.

**JB- O Luiz de Brito, de Jacarepaguá que se identificou aqui como do PDT, diz o seguinte: se ele, Vladimir Palmeira, como representante dos trabalhadores, está de acordo que haja aposentadoria precoce dos parlamentares ou se tem condição de se apresentar um projeto para acabar com os marajás com dois mandatos. E se uma pessoa com dois mandatos vai receber a vida toda.**

**VP\_** Isso depende se você considerar a vida toda. Nós, em geral, a posição do PT, tem sido contra a aposentadoria de deputados. E ao meu ver, o mecanismo normal era de que o deputado pudesse continuar contribuindo de acordo com seu emprego anterior e para o INPS normalmente como uma pessoa qualquer. Acabando a aposentadoria proporcional, ao meu modo particular até justa. Não de deputados, mas em geral. Mas se trata que o deputado tem um nível... apesar de ele descontar e pagar. Como o empregador dele é o poder público, ele leva uma vantagem excepcional e podendo se aposentar depois de dois mandatos. Na verdade nem chega a isso. Ele pode fazer um mandato só, pegar o dinheiro que corresponderia ao segundo mandato e a partir daí, receber a aposentadoria. Eu acho que isso devia acabar. O PT em São Paulo fez um projeto específico para acabar com isso e nós já manifestamos diversas vezes nossa opinião na Câmara contra. Aliás, nós do PT fomos o único partido que impedimos que o aumento do regimento, quem determina o aumento do salário dos deputados é a mesa. E pedimos a Ulisses Guimarães, pra que se discuta o aumento. E a mesa não deixou. De forma que o aumento dos deputados é tirado pela mesa sem nenhuma discussão política. Acho que os deputados deviam se aposentar no mesmo nível que os outros contribuintes do INPS. Passou quatro anos, 8 anos e dá sua contribuição para o INPS e não para uma aposentadoria especial.

**JB- A sua assessoria, deputado, ligou dizendo que os professores já se dispersaram da manifestação que o sr. se referiu na abertura e que os parlamentares Luiz Paes, Eliomar Coelho, Jandira Feghali e Fernando Lopes estão esperando o sr. no Palácio da Guanabara. O Antônio Carlos, professor de Ipanema, pergunta o que o PT pretende fazer de concreto junto às autoridades do Estado do Rio de Janeiro para acabar com esse tipo de repressão contra manifestações como aconteceu hoje.**

**VP –** A primeira coisa não é junto ao governo do Estado do RJ. O que nós estamos fazendo é na Constituição, garantindo o direito de manifestação. Em segundo lugar, pelo caminho indicado aqui pelo pessoal, o pessoal foi pedir ao Moreira para parar agora com esse estilo de repressão. Nós já discutimos isso: eu, numa audiência que tive com o governador, já coloquei para ele a questão desse decreto, dizendo que esse decreto era francamente reacionário e o governador disse: “Não ... não se trata de proibir manifestações”. Ele disse: “não vamos proibir manifestação nenhuma”. De forma que quando logo mais eu for aparentemente encontrá-lo, eu vou voltar a cobrar do governador. Agora, eu confio mais na mudança da Constituição.

**JB- Agora mais uma questão deputado, precisamente sobre o governo do Estado, que avaliação o sr. faz? Há pouco tivemos um governo diretamente**

**eleito no Estado, Leonel Brizola, que hoje é um dos principais candidatos à presidência. Temos agora, o governador Moreira Franco, que é um dos principais governadores do PMDB na articulação que irá indicar um candidato do partido, caso ele não saia do partido. Que avaliação o sr. faz e qual a diferença entre os dois o sr. nota?**

**VP-** Um, o Brizola é oposição à Nova República e esse é um critério de distinção política importante. Nós somos aliados do PDT na luta contra a Nova República. É verdade que o PDT sempre foi mais moderado do que nós nessa oposição. Ele foi lá e votou no Sarney, coisa que não aconteceu conosco. Nós não fomos ao Colégio Eleitoral. Mas o PDT tem essa posição. O Moreira, o governador atual, defendeu a Nova República. É parte desse mecanismo de transição elitista, por cima, que não quer povo, não gosta de eleição, não consulta ninguém, feita nos corredores do Congresso.... Esse pessoal que impedia as eleições diretas e ele faz e participa do PMDB. Então, francamente, o Moreira está à direita do Brizola. De forma que o Brizola não nos satisfaz, nós fizemos oposição a ele aqui no Rio por quatro anos, é uma vertente populista que ao nosso ver é uma coisa um tanto desgastada como solução para a população brasileira, mas não resta dúvida que o Brizola e o PDT hoje estão numa posição muito mais próxima dos interesses populares do que o governador Moreira Franco.

**JB- O sr. disse uma frase que nos parece interessante e polêmica também que é preciso aprender alguma coisa com a direita também observando as práticas deles, inclusive a nível parlamentar, que o sr. tem feito este tipo de coisa, faz uma crítica até da esquerda e uma auto-crítica, vamos dizer assim, o que efetivamente o sr. aprendeu nesse período parlamentar com esses conservadores do Centrão e de direita?**

**VP\_** Aprendi em primeiro lugar a conseguir ganhar. Quer dizer, a instituição tem regras. E nós do PT aprendemos que não podemos atuar no mesmo canto... da forma igual em cada canto. A direita lá é toda de um jeito, em outra instituição é toda de outro. O direitista que é empresário é todo de uma forma, o direitista que é deputado é todo de outra. E nós do PT por exemplo, tínhamos a tendência a não os julgar todos da mesma forma. Todos nós éramos como se fôssemos uns sindicalistas em todas as instâncias agindo da mesma forma. E nesse correr do tempo distinguimos também que é preciso realmente o sindicato ter mais autonomia e é preciso que o partido também tenha mais autonomia em relação ao sindicato pra que cada um possa fazer o seu papel. O militante do PT no sindicato não fala pelo partido. Eu acho que a instância lá é uma instância particular e acho que nós, do PT aprendemos um pouco sobretudo a trabalhar em cada instância de uma forma diferente. Essa forma de nossa prática não pode ser padronizada usando as mesmas armas em cada instância. E isso não significa incoerência, porque a política é a mesma, exatamente os pontos que nós defendemos, mas a forma de você atuar é muito diferente. Em segundo lugar eu acho que a direita é muito menos retórica que a esquerda. Acho que a esquerda tem que aprender a fazer mais e a falar menos. Quer dizer, nós somos chegados \_ nós da esquerda\_ a um discurso muito geral muito protesto e tal... e a direita age. De forma que eu vi diversas vezes na Constituinte a direita deixar lá o blá blá blá\_ o que a esquerda adora, diga-se de passagem. E a direita vai lá e age, e resolve. Nossa direita tem a tradição do verbo e na verdade a direita tem a tradição da ação, de fazer as

coisas. Eu acho que outra lição que nós devemos aprender com a direita é fazer as coisas e falar menos. Não adianta você ficar... Há uma tradição do protesto de esquerda. É preciso que a gente comece a fazer e eu acho que a direita nos deu esse ensinamento. Resta saber se a esquerda vai aprender.

**JB- Para quem não ouviu o deputado Vladimir Palmeira há muito tempo, há de convir que modificou muitos de seus pensamentos. O que é louvável de qualquer maneira. Muito obrigado deputado federal Vladimir Palmeira, do PT, pela sua participação no Encontro com a Imprensa, apesar do atraso, tenho certeza que acho que valeu a pena.**